

## AÇÃO – EDIÇÃO 2: CONTRIBUIÇÕES DO EXPOCOM PARA PROJETO DE REVISTA UNIVERSITÁRIA<sup>1</sup>

Susana Aparecida dos SANTOS<sup>2</sup>

Igor José Siquieri SAVENHAGO<sup>3</sup>

Centro Universitário Barão de Mauá, Ribeirão Preto, SP

### RESUMO

Este *paper* apresenta a segunda edição da revista “Ação – Esportes sem Limites”, cujo principal objetivo é difundir informações e histórias capazes de demonstrar que as práticas esportivas não se limitam à forma como são cobertas pela mídia regional. Os estudantes de Jornalismo do Centro Universitário Barão de Mauá desenvolveram a primeira edição ainda no primeiro ano de faculdade, em 2012, visando propor um projeto descomprometido com valores comerciais e que priorizasse personagens da região de Ribeirão Preto, SP. A vitória na edição 2013 do Expocom Sudeste estimulou mais inovações e experimentações, o que resultou nesta segunda edição, lançada em novembro do mesmo ano. A participação no prêmio significou novas perspectivas e vontade de melhorar a revista, levando em conta a experiência no congresso e as dicas dos avaliadores como um caminho para a evolução.

**Palavras-chave:** Esportes; mídia; regional; experimentalismo; inovação.

### 1 INTRODUÇÃO

Na edição 2013 do Expocom, a revista “Ação – Esporte sem Limites” participou com sua primeira edição, desenvolvida em 2012, e foi finalista do prêmio nacional, disputado em Manaus, AM. Ao idealizar o projeto, estudantes do Centro Universitário Barão de Mauá, em Ribeirão Preto, SP, queriam viabilizar um espaço em que pudessem escrever sobre assuntos que não viam diariamente nos veículos de comunicação regionais, como jornais impressos, emissoras de rádio e televisão, que, frequentemente, limitam suas coberturas a campeonatos profissionais de futebol de campo masculino.

A proposta inicial, ao inscrever o projeto no Expocom 2013, mais do que vencer o concurso, era promover uma discussão sobre o tema no ambiente acadêmico e, também, fora dele, no mercado de trabalho. Mas a conquista da fase regional, o Expocom Sudeste, representou um reconhecimento do trabalho e a afinidade com o desejo de pensar em mais

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na categoria Jornalismo, modalidade revista-laboratório impressa (avulso/conjunto ou série).

<sup>2</sup> Aluna líder do trabalho. Estudante do quinto semestre do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, e-mail: susie\_ssp@hotmail.com

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, e-mail: tatigor.sav@gmail.com

inovações por parte dos estudantes que participaram da criação da revista, matriculados, atualmente, no quinto semestre do curso de Jornalismo.

Tendo em vista a inexistência de um veículo jornalístico com foco, na região de Ribeirão Preto – e até mesmo em âmbito nacional –, em esportes alternativos aos dos campeonatos profissionais de futebol de campo masculino, os estudantes-idealizadores da Ação resolveram, em 2012, com a anuência do professor Igor José Siquieri Savenhago, produzir reportagens sobre este assunto. Saíram em busca de histórias de quem pratica modalidades pouco populares ou que até sejam conhecidas, mas que contam com pouca visibilidade e incentivo. A partir disso, passaram a discutir qual seria o suporte para o material a ser produzido. Jornal? Revista? Blog? Portal de notícias?

O professor orientou e indicou leituras aos estudantes sobre que tipo de público prefere jornal, revista ou internet. Devido à escolha de um tema pouco abordado, ficou decidido que as matérias deveriam ser mais apuradas e extensas, pela necessidade de contextualizar cada um dos esportes para o bom entendimento do leitor. O público-alvo definido, por estar no próprio “habitat” do projeto, foi o universitário. Considerando esses aspectos e que, na instituição de ensino em questão, a Barão de Mauá, a maioria dos estudantes trabalha o dia todo e, em muitos casos, só pode entrar na internet à noite, foi escolhida a revista.

Além das possibilidades de acesso, foram levados em conta outros fatores. Este tipo de publicação tem vida útil maior. É comum emprestar revistas aos amigos, o que acontece com menor frequência com jornais. E, ainda, por se tratarem de reportagens sobre esportes de reduzida visibilidade, era necessário explorar a imagem, para que fossem apresentados os atletas e suas histórias. “Não se trata apenas de entretenimento, mas sim da criação de um veículo de referência, até mesmo para leigos no assunto.” (ALVES, 2009, p. 2)

Na maioria das reportagens da Ação, existe a procura por explicar quais as raízes das práticas esportivas que são temas das pautas. A finalidade é não apenas informar, como seria o caso de um jornal diário, mas proporcionar um conhecimento mais aprofundado ao leitor e buscar a identificação dele com o gênero revista. Conforme Scalzo (2003), o leitor confia mais nas revistas e estabelece uma relação mais íntima com elas. Este aspecto, com o qual todos os envolvidos na produção concordaram, também não foi deixado de lado.

Uma revista é um veículo de comunicação, um produto, um negócio, uma marca, um objeto, um conjunto de serviços, uma mistura de jornalismo e entretenimento. Nenhuma das definições acima está errada, mas também nenhuma delas abrange completamente o universo que envolve uma

revista e seus leitores. A propósito: o editor espanhol Juan Caño define “revista” como uma história de amor com o leitor. Como toda relação, essa também é feita de confiança, credibilidade, expectativas, idealizações, erros, pedidos de desculpas, acertos, elogios, brigas, reconciliações. (SCALZO, 2003, p. 11 e 12).

## 2 JUSTIFICATIVA

Como os estudantes também concordaram que a primeira edição da revista primava pelo experimentalismo e pela inovação no olhar e na forma de cobertura de práticas esportivas na região de Ribeirão Preto, SP, decidiram pela inscrição no Expocom 2013, na categoria revista-laboratório impressa. Após o reconhecimento, na fase Sudeste do prêmio, e a consequente classificação para a etapa nacional, resolveram dar continuidade ao projeto e melhorá-lo, com base nas trocas de experiências feitas com estudantes de outras instituições, também envolvidos com projetos de revista impressa no Expocom; nos conhecimentos adquiridos no Intercom como um todo, nas palestras e minicursos; e, finalmente, nos comentários, recomendações, críticas e sugestões dos professores que compuseram a banca examinadora do prêmio.

Em relação ao primeiro número, nesta segunda edição, apresentada no presente *paper*, desenvolvida a partir de setembro de 2013, logo após a etapa nacional do Expocom, e concluída em novembro do mesmo ano, buscou-se um maior cuidado com a diagramação, a qualidade das imagens e em oferecer reportagens mais elaboradas, tanto na apuração, quanto na hierarquização das informações e contextualização. “Não basta relatar o que aconteceu: é preciso ajudar o leitor a entender por que tais fatos estão ocorrendo, situando os dentro de um contexto histórico”. (KOTSCHO, 1995, p. 29)

A segunda edição foi pensada e produzida na disciplina “Técnicas de Reportagem, Entrevista e Pesquisa Jornalística”, ministrada pelo professor Igor, que ajudou os estudantes a organizar as ideias, corrigindo pautas e indicando questões relevantes a serem levantadas com os personagens. Em alguns casos, foi necessário visitar as fontes ou ligar, para que as reportagens tivessem consistência e coerência. Vilas Boas (1996) considera este cuidado com o texto imprescindível no jornalismo impresso.

Quem se propõe a escrever um texto jornalístico, seja para revista ou para jornal diário, não pode ter preguiça ou receio de revisar. Sempre que possível, ainda que você tenha levado em conta todas as sugestões apresentadas até aqui, desconfie do seu texto. (...) Você certamente não deve ter feito o melhor que pode. (VILAS BOAS, 1996, p. 25)

O mesmo autor dá, ainda, outras orientações:

Para desenvolver qualquer texto há diversos processos que variam conforme a natureza do assunto e a finalidade da exposição. O mais importante é construí-lo de forma clara e organizada, encadeando as peças determinadas no projeto inicial. (...) Isto nada mais é do que um imprescindível roteiro. Na revista, terá uma boa história, bem analisada e interpretada, o texto que não desprezar certos recursos costumeiros e nem por isso menos relevantes. (VILAS BOAS, 1996, p. 17)

Outro desafio proposto a cada um foi o de descobrir novas histórias, mostrando aos leitores que há muitos personagens e modalidades ligados ao esporte regional e não apenas casos isolados. Do contrário, esta segunda edição não teria ganhado vida. O que evidencia que esse assunto merece entrar em pauta tanto no meio acadêmico como fora dele.

Nas Teorias do Jornalismo, uma primeira ideia de tematização está associada às reflexões sobre o papel de agendamento realizado pelos produtos jornalísticos junto ao público, dizendo sobre o que este último deve pensar. Os temas são vistos como um assunto, mas inseridos numa lógica que diz da circulação dos produtos midiáticos. (...) Menos que determinar sobre o que pensar, os meios de comunicação são vistos como aqueles que ofertam sentidos sobre alguma questão, participando de um circuito no qual o público também é visto como agente produtor de significados. Assim, os sentidos veiculados pela mídia, apesar de escaparem do seu controle, reforçam a capacidade que certas temáticas têm de operar processos de circulação significativa na relação mídia e sociedade." (SCHWAAB & TAVARES, 2009, p. 183)

Foi possível, também, perceber um empenho ainda maior dos estudantes, devido a fatores como o *feedback* do público-alvo, que recebeu muito bem a revista, especialmente após a vitória no Expocom Sudeste, e, também, por conseguirem enxergar, a partir da participação no prêmio, erros e acertos nas reportagens da primeira edição, que serviram como bagagem. Também houve uma tomada de conhecimento sobre o poder de escrever sobre assuntos desconhecidos das pessoas em geral, mesmo quando ocorrem bem perto delas. Assim, desenvolver o papel de mediador entre os personagens regionais e o público da Ação se tornou uma missão ainda mais intensa para os estudantes do então segundo ano de Jornalismo do Centro Universitário Barão de Mauá. Schwaab e Tavares (2009) se referem a isso como “reiteração da relevância pública de um tema quando convertido em matéria jornalística”. (2009, p. 187)

Assume o efeito de indispensável ao cotidiano do leitor, uma vez que este mesmo tema advém das próprias demandas contemporâneas, da vida social enquanto espaço de colheita de revista, retornando, por meio dela, na qualidade de abordagem importante, interpretativa e completa. (SCHWAAB & TAVARES, 2009, p. 187)

A realização da Copa do Mundo de Futebol agora em 2014 e das Olimpíadas em 2016 gerou inúmeras discussões em sala de aula e muitos estudantes começaram a refletir sobre o paradoxo constituído quando se conhece, pela grande mídia, as histórias de tantos atletas nacionais, mas que estão longe do cotidiano de leitores regionais, enquanto os esportistas próximos são ignorados frente à iminência desses eventos. Segundo Tavares (2009, p. 95), “vale pensarmos que, para além da elevação midiática de um acontecimento, operação comum da mídia que lança um certo fato para um espaço de notoriedade, o mais relevante é caracterizar o próprio acontecimento e sua relação com a contemporaneidade.”

Neste ponto, a segunda edição da Ação apresenta um pouco dessa disparidade entre os tempos em que vivemos e o descaso com práticas esportivas praticamente esquecidas, que dependem de heróis do dia a dia para sobreviver.

### **3 OBJETIVOS**

A segunda edição da revista Ação foi feita, então, sob os seguintes objetivos:

1 – Dar continuidade ao trabalho de lançar luz sobre esportes alternativos aos campeonatos profissionais de futebol de campo masculino, colocando em evidência atletas que procuram ganhar espaço e alguns que, mesmo alcançando êxitos significativos, continuam de fora da mídia regional e, portanto, permanecem desconhecidos do público, tendo em vista que um dos focos da revista são personagens que fazem parte da história do esporte na região de Ribeirão Preto, SP.

2 - Aperfeiçoar o trabalho desenvolvido na primeira edição, tendo como base a experiência adquirida na edição 2013 do Expocom, com o aprimoramento das pautas, pesquisas mais aprofundadas antes ir campo, maior importância às imagens e, por fim, desenvolvimento de um projeto gráfico que valorizasse essas questões. Nesse contexto, buscou-se considerar o aprendizado no Prêmio Expocom como relevante para a realização de melhorias num projeto universitário, considerando que não é raro os trabalhos priorizarem, exclusivamente, a premiação e não as trocas de experiências e orientações da banca examinadora para a continuidade de iniciativas acadêmicas inovadoras nos centros universitários, faculdades e

universidades que oferecem curso de Jornalismo no país – justamente uma das razões pela qual o Expocom foi criado. Quando não conquistam o prêmio máximo, alguns acabam deixando boas propostas de lado, não levando em conta debates, discussões e problemáticas levantadas durante a apresentação dos finalistas, que poderiam ser aplicadas e propiciar a evolução dos projetos.

#### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

Como na primeira edição da Ação, o enfoque da revista continua sendo esportes que não estão sob os holofotes da mídia regional. Entende-se que esta abordagem é favorável à publicação, pois as revistas privilegiam imagens e necessitam de reportagens mais extensas. E mesmo se tratando de uma segunda edição, antes de irem a campo como repórteres, os estudantes submeteram todas as ideias a opiniões da sala. Após discussões e comentários sobre o desempenho e aceitação da primeira edição da revista, em 2013, passaram a discutir e sugerir temas para a segunda edição, simulando uma reunião de pauta. O professor Igor auxiliou na escolha e definição dos assuntos, corrigiu as pautas e orientou a abordagem, sugerindo quando deveriam ser feitas entrevistas no estilo pingue-pongue, quando poderia ser uma reportagem corrida ou, então, as duas formas juntas, embora algumas reportagens tenham tomado outros rumos, o que é compreensível, já que o repórter não deve dominar o entrevistado e, sim, deixá-lo à vontade. (OYAMA, 2008)

Os detalhes históricos que permeiam várias das reportagens foram conhecidos, muitos deles, antes que os estudantes sássem às ruas. Eles foram todos orientados para que pesquisassem sobre as modalidades das quais iriam tratar, embasamento que permitiu formular as perguntas das entrevistas. Segundo Oyama (2008), o conhecimento, teórico e panorâmico, sobre o assunto a ser trabalhado, pode transformar a reportagem.

Uma entrevista bem-sucedida resulta de um conjunto de fatores que, desgraçadamente, independe do repórter. O humor do entrevistado, o domínio que ele tem da pauta ou o tempo disponível para a conversa, podem influenciar bastante o resultado, mas são elementos que o entrevistador não controla. Dentre todas as variáveis que determinam o destino de uma entrevista, a única que é de exclusivo domínio do repórter, excetuando-se evidentemente, o seu talento, é a pesquisa. Obrigatória, imprescindível, uma pesquisa bem feita aumenta enormemente as chances de uma boa entrevista. (OYAMA, 2008, p.13)

Uma característica essencial das revistas, apontada por Goulart (2006), é a imagem. “O leitor é seduzido com apelo visual, com o bom fotojornalismo. Texto e imagem, traduzidos em matéria bem escrita e apresentação visual eficiente, são as bases da revista.”

As fotos da segunda edição da Ação foram feitas ou pelos próprios repórteres ou conseguidas em bancos de divulgação ou arquivos pessoais das fontes. O estudante Daniel Zanetti, um dos mais interessados em fotojornalismo desta turma na Barão de Mauá, liderou a edição do material, além de se responsabilizar por fotografar duas pautas (uma reportagem e o ensaio fotográfico).

O tipo de entrevista utilizado continuou sendo a dialogal, como na primeira edição.

É a entrevista por excelência. Marcada com antecipação, reúne entrevistado e entrevistador em ambiente controlado [...]. Entrevistador e entrevistado constroem o tom de sua conversa, que evolui a partir de questões propostas pelo primeiro [...]; permite-se o aprofundamento e detalhamento dos pontos abordados.” (LAGE, 2001, p. 77)

Os estudantes tiveram um prazo para a entrega das reportagens, já devidamente organizadas para que fossem submetidas a correções e edição, feitas pelo repórter em conjunto com o professor Igor. Para isso, foram utilizados os laboratórios de informática do Centro Universitário Barão de Mauá, que simularam redações de revista. Em certos casos, houve a necessidade de ligar ou visitar fontes para esclarecer detalhes fundamentais para o arremate dos textos.

Foi apontada, também, pelos estudantes, a intenção de produzir uma revista visualmente mais atraente que a primeira edição. Por isso, todo o projeto gráfico foi refeito. O resultado foi uma capa suave e o interior com mais contrastes, conforme Willians (2006).

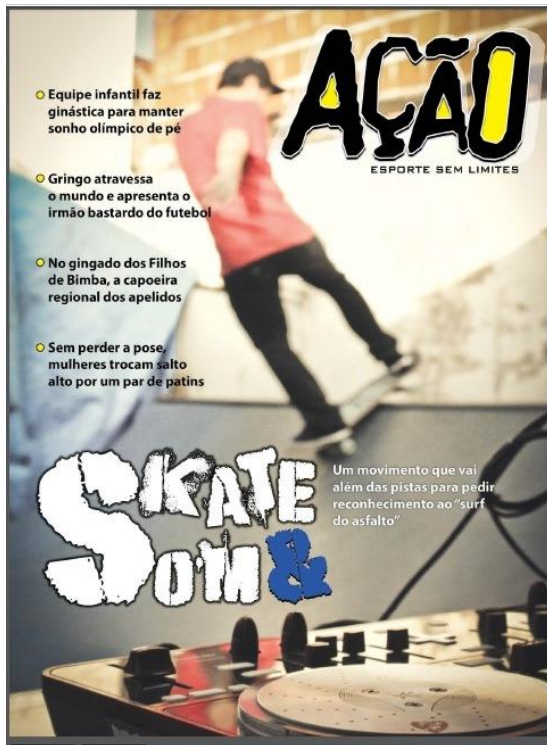
## **5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

Antes de descrever esta segunda edição, são apresentadas, na página seguinte, para efeito comparativo, a capa, uma página de artigo e uma reportagem, a respeito do basquete sobre rodas, da primeira edição, que venceu o Expocom Sudeste 2013.

Ao analisarem a primeira edição, os professores da banca examinadora da fase nacional, disputada em Manaus, AM, sugeriram, em síntese, que, caso o projeto tivesse continuidade, fossem feitas melhorias em alguns pontos da estética visual, na qualidade das imagens e no aprofundamento dos textos. Elogiaram o nome da revista, que indica “movimento, energia” e o slogan, “Esportes sem limites”, que sinaliza o desejo de seus

idealizadores de fugir das limitações impostas pela mídia na região de Ribeirão Preto, que costuma ignorar temas esportivos que não sejam relacionados ao futebol de campo masculino profissional envolvido em competições oficiais. Por isso, eles foram mantidos.

### Páginas da primeira edição



**AÇÃO**  
ESPORTE SEM LIMITES

- Equipe infantil faz ginástica para manter sonho olímpico de pé
- Gringo atravessa o mundo e apresenta o irmão bastardo do futebol
- No gingado dos Filhos de Bimba, a capoeira regional dos apelidos
- Sem perder a pose, mulheres trocam salto alto por um par de patins

**SKATE**  
Um movimento que vai além das pistas para pedir reconhecimento ao "surf do asfalto"



**AÇÃO**

**FALA AÍ!**

**Esporte amador e música independente: o fator "amigo do amigo"**

Quando os editores desta publicação me pediram para fazer uma analogia entre música independente e esportes amadores, me senti como se minha mente voltasse mais de 20 anos no tempo!

Entre 1979 e 1981, joguei nas divisões de base da Portuguesa, aqui de São Paulo. Foi campeão dois anos seguidos, goleiro menos vazado dos campeonatos e cogitado a ser convocado para a Seleção Brasileira de base, que, naquele tempo, praticamente inexista. Quando existia, só os cariocas eram chamados, num bairrismo irritante da época na CBF.

Em 1981, abandonei a carreira por causa de uma contusão na mão e, também, da burocracia e favorecimento que existiam – e ainda existem – nos clubes de futebol.

Isso não vem mais ao caso, já que abri alguns arquivos "mortos" da minha mente e não é uma boa ideia, até porque a terapia ainda não me fez aceitar tudo aquilo. Então, que eles saquem por lá.

Em 1983, comecei a tocar bateria e encontrei minha paixão, mais até que jogar no gol, que é a música. E isso me levou ao mesmo lugar, que trata exatamente das dificuldades que esportes amadores (sim, o futebol de base ainda é amador) e a música independente enfrentam nesse país.

Com os diversos incentivos culturais e esportivos que os governos dos últimos anos se gabavam de colocar, a coisa parecia que ia melhorar e se democratizar. Ledo engano! Só grandes empresas, no caso do esporte, e famosas e gigantes, no caso da cultura, conseguiram lutar para focar seus projetos. Desde a criação da Lei Rouanet, nos anos 80, eu tento simplificar um projeto e nada acontece. Incompetência de minha parte? Talvez. Mas já vi vários projetos muito piores que os meus serem aprovados, especialmente quando vêm acompanhados com as pessoas certas...

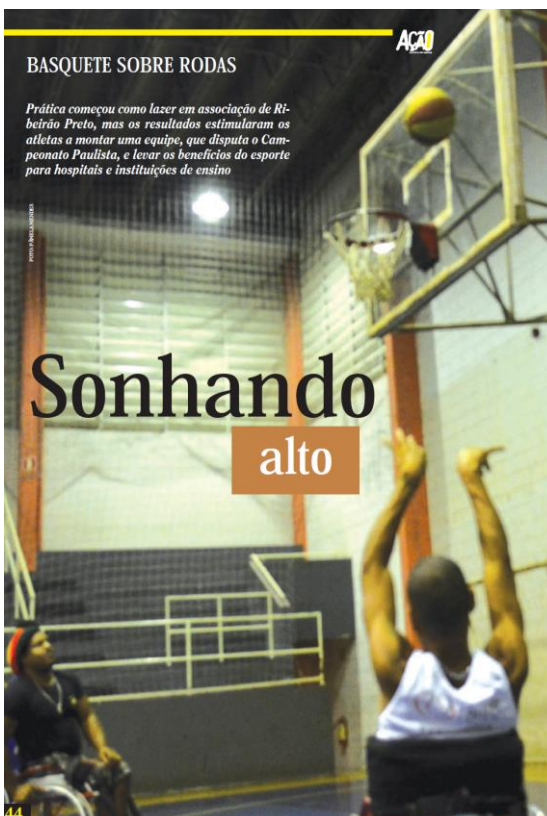
Ora, se isso só funciona na base do amigo indicador, então não há motivos para me estressar gastando tempo e neurônios para criar algo que jamais será aprovado, se não vier com uma recomendação!

Mas há um atômico a música independente nunca esteve tão em alta, possem os senhores! Sim, porque, com o advento das mídias sociais, tudo melhorou para a divulgação do trabalho, além do que, com a tecnologia, qualquer um grava e faz um vídeo para colocar no YouTube. E o melhor, a diluição das distâncias e gravadas praticamente acabou! Só que outro problema apareceu: muito material e muita informação geram menos interesse por parte das pessoas! Sim, isso mesmo! Com tanta coisa acontecendo, o público simplesmente não consegue mais absorver tanta novidade e isso gera uma demanda maior que a procura.

Você, caro leitor, que está lendo estas mal tratadas linhas, deve estar pensando: "Essa cara é maluco! Fala uma coisa boa e na sequência detona tudo!". Sim, pode parecer isso, mas a verdade para quem vive de música é essa. Chegamos a um ponto em que tudo está saturado e há a necessidade urgente de criar novas opções de divulgação para não cair no ostracismo.

O mesmo vale para esportes amadores. As empresas gostam muito de dinheiro em determinados projetos que, simplesmente, não vingam, porque têm a sua frente pessoas incompetentes. Clubes aparecem com empresas disonestas que são o novo eldorado do esporte amador e, daí há um ano, já estão devendo para os atletas e desistindo do projeto. E isso com o apoio do governo e das leis. Daí, você percebe que tudo isso foi só para desconterem o impulso de Brasília, que, com os rimbombos, é um abuso neste país, de seus faturamentos anuais.

Uma pena que ainda não existe no Brasil um mecanismo justo, honesto e inteligente de incentivar realmente a cultura e os esportes. Porque, enquanto dependermos de ter pessoas famosas, ou então algum que conhece alguém que trabalha lá no Ministério da Cultura ou dos Esportes, estaremos presos a este círculo vicioso e triste da roda que gira, gira e para sempre no mesmo lugar: dos "amiguinhos dos amigos"!



**AÇÃO**

**BASQUETE SOBRE RODAS**

Prática começou como lazer em associação de Ribeirão Preto, mas os resultados estimularam os atletas a montar uma equipe, que disputou o Campeonato Paulista, e levar os benefícios do esporte para hospitais e instituições de ensino

**Sonhando**  
**alto**



**AÇÃO**

**PÂMELA MENDES**

Marta Neves Dias tem 25 anos. Participa da Associação de Amigos Deficientes de Ribeirão Preto (ADAD) há quatro meses. Cadeirante desde bebê, devido a uma paralisia infantil, trabalhava em casa e não praticava esportes. Estava entrando em depressão quando duas amigas a aconselharam a procurar na internet alguma atividade para cadeirantes. Foi quando Marta descobriu a associação e uma modalidade diferente, que permite a inclusão: o basquete sobre cadeira de rodas. "Me sinto muito bem fazendo parte desse projeto. A gente começa a gostar tanto do esporte quanto dos amigos que conhece".

O basquete sobre rodas da ADAD começou em 2010, a partir de portadores de necessidades especiais que praticavam o esporte apenas como lazer. Aos poucos, ganhou força a ideia de formar uma equipe, que representa Ribeirão Preto em várias competições. Atualmente, participa da Segunda Divisão do Campeonato Paulista, da qual é vice-campeã da Série Bronze 2012.

Além de participar de torneios, o time também realiza visitas e apresentações em escolas, hospitais e universidades, para conscientizar a população das dificuldades de viver com cadeirante, ensinar a lidar com pessoas deficientes, falar sobre a história de cada um dos atletas e fazer demonstrações da habilidade adquirida com o esporte adaptado.

A equipe coleciona diversas conquistas, mas não só de troféus e medalhas. Cada obstáculo ultrapassado no dia a dia, como o preconceito, é contabilizado como uma vitória. Ricardo dos Santos Custódio, de 37 anos, é um exemplo. Está na cadeira de rodas há 13 anos. Conhecido o basquete por meio de amigos, "A associação e o basquete me ajudaram muito, porque eu não tinha objetivos. Hoje, penso diferente e tenho como meta melhorar nosso basquete e poder dar mais apoio aos deficientes".

O coordenador técnico da equipe, desde o início das atividades, é Jonathan Fernandes Carvalho. "Eu tenho muita alegria de fazer parte desse projeto. Estou apoiando uma causa que pouca pessoa desempenham. Por isso, sou voluntário de algo que precisa ter muito compromisso".

**Benefícios**

A prática de atividades físicas, tanto para competições quanto para diversão, pode trazer benefícios melhores para os portadores de necessidades especiais, como agilidade, equilíbrio, força muscular, coordenação motora, resiliência física, além de contribuir com os aparelhos circulatório, respiratório, digestor, reprodutor e excretor. Também desenvolve, segundo Carvalho, velocidade e ritmo, ajustando na reabilitação e nas atividades da vida diária.

Éo, também, que ocorre uma melhora da autoestima, aumento da integração social e redução da agressividade, além de estimular a autonomia e a capacidade de resolução de problemas e superar limitações e situações de frustração.

**Os basquetes são parecidos**

As regras do basquete em cadeira de rodas são muito parecidas com as do jogo tradicional. Existem pequenas alterações por causa da adaptação do atleta à cadeira, da mecânica de locomoção e da necessidade de se jogar sentado.

**Vantagens de permanecer:** As violações de percurso acontecem quando o atleta encosta a regra que permite impulsionar a cadeira duas vezes antes de driblar ou se levar da bola, para passá-la ou arremessá-la. É similar ao "andar" no basquete tradicional.

**Pé no chão:** Se o jogador apoiar-se com o pé no chão, o ato é considerado infração.

**Extensão do corpo:** A cadeira de rodas é uma extensão do corpo do atleta. Se ela tocar a linha ou algum objeto que esteja fora da quadra, considera-se que o jogador saiu com a bola.

**Quase passo de bola:** Ao contrário do basquete tradicional, é proibido alisar a bola num oponente para que ela saia da quadra. Caso isso ocorra, o lateral será cobrado pela equipe adversária.

**Faltas:** O contato não acidental entre duas cadeiras de rodas caracteriza falta pessoal. E a falta técnica é marcada quando o jogador eleva-se do assento, quando remove os pés do descanso ou quando usa qualquer outra parte do corpo que não seja as mãos para obter alguma vantagem.



Partindo, então, das sugestões apontadas, a segunda edição, que concorre ao Prêmio Expocom agora em 2014, ficou definida da seguinte maneira:

- Tem 44 páginas, com medidas de 20 cm de largura por 27 cm de altura, que traz, na capa, o destaque para o ensaio fotográfico de um projeto de natação em Ribeirão Preto. O esporte é famoso, não há dúvidas. Mas o projeto “Nadando na Frente” está longe disso. É uma iniciativa que tem como objetivo tirar crianças das ruas e incentivá-las a praticar uma atividade física a qual não teriam acesso fora dali.
- Além do ensaio, o conteúdo inclui nove reportagens, sendo uma no formato entrevista pingue-pongue, com Maria Brandão, responsável pela manutenção do projeto “Jovens Enxadristas” no pequeno município de Barrinha. As outras são sobre Goalball, Tiro com arco, Corrida de quadrigas, Pôquer, Futebol e Futsal femininos, Futebol americano, Artes Marciais Mistas (MMA) e Vôlei para a terceira idade.
- A revista possui, ainda, três artigos opinativos. O primeiro, do aluno Vinícius Alves de Souza, que representou a primeira edição do projeto no Expocom 2013, como aluno líder, narra as emoções e experiências da trajetória desde a decisão de fazer a Ação se tornar realidade até a viagem a Manaus, AM, o que dá mostras da importância da participação no prêmio para a continuidade do projeto. O segundo, de Giovanni Vidal, busca elencar prós e os contras de sermos país-sede da Copa do Mundo de Futebol e o risco de se gastar muito dinheiro nas competições oficiais, enquanto o esporte amador não se desenvolve por falta de patrocínios. E o terceiro é uma contribuição do jornalista de Ribeirão Preto, Laion Trevizani, convidado dos estudantes, que propõe uma reflexão mais profunda sobre o esporte amador.
- Dois dos artigos, o Editorial e a reportagem sobre o pôquer são ilustrados com desenhos da estudante do quarto ano de Jornalismo da Barão de Mauá Gabriela Castilho, também convidada a colaborar. O objetivo, com as figuras, foi incrementar a estética visual e despertar a atenção para a leitura.
- Ao final do Expediente, uma frase busca intensificar uma das características da revista destacadas neste *paper*, de que os exemplares sejam repassados a outras pessoas após a leitura, e, na última página de conteúdo, uma foto-legenda, dentro da seção SuperAção – que faz um jogo de palavras com o nome da revista –, tem, como proposta, destacar uma imagem curiosa captada durante a realização das matérias.

## 6 CONSIDERAÇÕES

A segunda edição da Revista Ação é uma resposta positiva dos estudantes em relação à abordagem alternativa aceita e incentivada pelo Expocom. Além de continuar o trabalho jornalístico voltado a dar voz a personagens muitas vezes ignorados pela mídia regional tradicional, os estudantes almejavam o aperfeiçoamento das técnicas jornalísticas, praticando a reportagem. Também foi importante o desenvolvimento da noção de que uma estética mais bem elaborada não significa descrédito ao texto escrito, mas uma extensão dele, que contribui para chamar a atenção do leitor e levá-lo a um contato mais íntimo com as reportagens. Apesar de se tratar de uma revista com enfoque no jornalismo esportivo, Ação fala mesmo é de gente, dos esforços de quem pouco ou nada ganha para incentivar a formação de atletas ou a prática esportiva como forma de interação e inclusão social. A expectativa é que esta edição seja mais uma contribuição para o jornalismo experimental e que sirva como inspiração para o público universitário dos cursos de Comunicação.

## REFERÊNCIAS

GOULART, Alexandre. *Uma lupa sobre o jornalismo de revista*. 04/07/2006. Observatório da Imprensa. 388 ed. Disponível em <http://observatoriodaimprensa.com.br/%20news/view/uma-lupa-sobre-o-jornalismo-de-revista>. Último acesso em 7 de novembro de 2013.

LAGE, Nilson, *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

OYAMA, Thaís. *A arte de entrevistar bem*. São Paulo: Contexto, 2008.

SCALZO, Marília. *Jornalismo de Revista*. São Paulo: Contexto, 2003.

SCHWAAB, Reges Toni; TAVARES, Frederico de Mello Brandão. *O tema como operador de sentidos no jornalismo de revista*. Revista Galáxia, São Paulo, n. 18, p.180-193, dez. 2009. Disponível em <http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/viewFile/2650/1690>. Último acesso em 7 de novembro de 2013.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. *Temas que acontecem: operações entre jornalismo de revista e qualidade de vida*. ECO-Pós, v.12, n.1, janeiro-junho 2009, p.87-101.

VILAS BOAS, Sergio. *O estilo magazine: o texto em revista*. 3. ed. São Paulo: Summus, 1996.

WILLIAMS, Robin. *Design para quem não é designer*. 2. ed. São Paulo: Callis, 2006.